

## HOMENAGEM

AO

### PROF. DR. JOSÉ PEDRO DE CARVALHO LIMA

Por decreto de 27/4/48, do Govêrno do Estado, foi aposentado a pedido, no alto cargo de Diretor do "Instituto Adolfo Lutz", o ilustre Snr. Prof. Dr. J. P. de Carvalho Lima.

Diretor do antigo "Instituto Bacteriológico" de São Paulo, desde 1923, passou o Prof. Carvalho Lima, em 1940, para a direção do novo Instituto então fundado e resultante da fusão do Bacteriológico e do Bromatológico — o "Instituto Adolfo Lutz".

Não quizeram, porém, os discípulos, colegas e amigos do Diretor recém-aposentado, que seu afastamento se efetivasse sem uma demonstração coletiva de sincero afeto e de reconhecimento aos altos méritos de administrador e de cientista, demonstrados pelo ex-diretor, nos 25 anos em que esteve à frente dos destinos do Instituto.

E, dest'arte, reuniram-se em sessão em sua homenagem, a qual realizou-se a 5 de outubro último, na sala de conferências do "Instituto Adolfo Lutz".

Presentes, entre outras autoridades, o representante do Snr. Dr. Secretário da Saúde e Assistência Social, o Snr. Dr. Diretor Geral do Departamento de Saúde e numerosos colegas, amigos e discípulos do homenageado, o Dr. Luís de Salles Gomes, atual diretor do Instituto, disse, em rápido improviso, das razões daquela encantadora festa, em que todos, em perfeita comunhão de ideias e de sentimentos, se achavam ali reunidos para prestar as homenagens a que fazia jús o ilustre diretor recém-aposentado, pelos relevantíssimos serviços que, com extrema dedicação e superior orientação científica, prestára durante mais de 30 anos, à causa de sua terra e de sua gente. Continuando, fez uma síntese das atividades científicas do homenageado, desde o seu doutoramento pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro até o momento em que se aposentava no cargo de Diretor do Instituto Adolfo Lutz, ressaltando a sua

passagem pelos laboratórios de saúde pública de Washington, Harward e Albany, nos Estados Unidos, e pelo Instituto Pasteur de Paris, que lhe serviram de base para, posteriormente, fundar em São Paulo, o notável Laboratório de Saúde Pública que é hoje o Instituto Adolfo Lutz.

Disse, ainda, da grande satisfação que sentia em passar a palavra a dois dos seus mais dedicados e destacados auxiliares — os Drs. Bruno Rangel Pestana e Alberto França Martins, os quais se refeririam, respectivamente, aos aspectos científico e administrativo da obra do ilustre Director.

Finalizando sua oração, ofereceu o novo diretor, em nome dos funcionários do Instituto, uma cesta de flores à Exma. Senhora Prof. Carvalho Lima, presente à cerimônia, solicitando-lhe a gentileza de descerrar o quadro com o retrato do seu digno esposo, quadro este que iria figurar na galeria de antigos e ilustres diretores, existente na sala da Diretoria do Instituto.

## DISCURSO DO

### DR. BRUNO RANGEL PESTANA

Não teria eu credenciais para vos falar se não fosse o mais velho e o mais antigo desta Casa, com uma convivência diária de trinta anos; e essas razões, por certo, me absolverão perante o vosso julgamento, do sacrifício generoso de me ouvirdes, e dos demais presentes a esta sessão, de usar de uma linguagem íntima.

#### LIMA:

Tive oportunidade de conhecê-lo, quando Bayma entusiasmado com a vacina de Kraus, foi por você procurado para orientá-lo na feitura da sua tese de doutoramento, cujo tema era a *Vacinoterapia da Coqueluche* — assunto de atualidade que nessa época preocupava os bacteriologistas e pediatras. Foi essa tese aprovada, com distinção, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde recebeu você o título de doutor em Medicina.

No entanto não deixou de continuar os seus estudos sobre essa moléstia, apresentando em 1931 um trabalho sobre o *Diagnóstico e Vacinoterapia da Coqueluche*, na Semana do Laboratório realizada nesta Capital.

Continuando ainda os seus estudos sôbre esse mal que tanto martiriza as crianças, e que como bem salienta em seu trabalho publicado na Revista do Instituto em 1943, faz mais vítimas que o sarampo, a febre tifoide, a difteria e outras moléstias, chama a atenção para o fato de que, no entanto, pouco ou nada se tem feito pela sua profilaxia.

Estudou a vacina de Sauer e a precipitada com alumínio, segundo o processo de Harrison, Franklin e Bell.

Nesse importante trabalho, feito em colaboração com Maria Arantes, concluíram ambos que a vacina, segundo a técnica de Harrison, Franklin e Bell é a preferida não só por poder ser empregada no tratamento como também preventivamente.

Ingressando no Departamento de Saúde, como inspetor sanitário em 1919, por concurso, onde já trabalhava desde 1918, prestando serviços de profilaxia contra a ancilostomose em Tremembé, publica um trabalho ao lado de Otávio Gonzaga, com quem dá conta de suas observações e os resultados com o emprêgo de diversos tratamentos.

Relata nesse trabalho a frequência de diversos parasitas, despertando a sua atenção o gênero *Hymenolepis*, notadamente a espécie *diminuta*, que lhe parece mais frequente que o *nana*.

Continuando seus estudos sôbre o gênero *Hymenolepis*, publica um trabalho que apresentou à Sociedade de Medicina e Cirurgia, da qual é membro, sôbre a *Infestação humana pelos Hymenolepis*, onde se encontra farta contribuição pessoal não só quanto à frequência das espécies *diminuta* e *nana* como do emprêgo feito pela primeira vez do óleo de sementes de abóbora no tratamento do mal produzido por esse parasita.

Inclina-se para o estudo dos protozoários, fazendo um curso de especialização no Instituto Oswaldo Cruz, sob a direção do mestre ilustre Henrique Aragão.

Em 1919, é nomeado assistente efetivo do Instituto Bacteriológico, onde retoma os seus estudos sôbre bacteriologia, assunto para o qual já vinha mostrando preferência desde os bancos acadêmicos, pois trabalhara com Bruno Lobo, como auxiliar acadêmico da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Logo de início no Instituto Bacteriológico, fazendo estudos para identificação de um paratifo B, isolado da água do Colégio São Joaquim, de Lorena, onde ocorria um surto, apanha você a infecção paratífica.

Retornando ao serviço em 1921 publica um trabalho sôbre a reação de ouro coloidal, para exame do líquido céfalo-raquidiano (reação de Lange).

Preocupou-se com as *endocardites lentas, malignas*, consideradas por Schottmüller como o tipo mais comum de endocardites infectuosas.

Foram feitos entre nós diagnósticos clínicos, porém nunca se obtinha a confirmação do laboratório. Voltando dos Estados Unidos e adotando as técnicas por eles usadas lá, conseguiu você isolar e identificar pela hemocultura de doentes o "*Streptococcus viridans*". Esse trabalho apresentado à Sociedade de Medicina de S. Paulo em 1926, mereceu elogios, tendo mesmo o Prof. Almeida Prado dito que era um "trabalho valioso pelo fato de pela primeira vez entre nós, ter-se conseguido isolar o "*Streptococcus viridans*" obtido de hemocultura, tendo ainda o valor de focalizar a questão da endocardite chamada maligna, familiarizando os clínicos com o conhecimento desta entidade mórbida".

Continuando os seus estudos sôbre esse mal, apresenta um trabalho na 4.<sup>a</sup> Conferência Sul Americana de Microbiologia, em 1929, onde estuda o *Streptococcus viridans* e dá a técnica para a hemocultura.

Estuda os bacilos disentéricos e verifica que o *Bacilo ambigua* (Bacilo de Schmitz) fermenta a ramnose e produz H<sub>2</sub>S, enquanto que essas provas são negativas para o bacilo Shiga. Publica com Lúcia Q. Telles, trabalhos a respeito nos Anais Paulista de Medicina e Cirurgia e na Revista do Instituto "Adolfo Lutz".

Isola das fezes de doentes do tifo exantemático uma raça de *Proteus* aglutinada fortemente pelos sôros dos doentes, a qual enviada a Felix, verificou esse cientista ser o tipo *Proteus* que corresponde antigenicamente ao tipo de São Paulo e lhe dá a denominação de *Proteus XL* (raça Lima) em sua homenagem.

Publicou ainda outros trabalhos sobre as *Meningites Bacterianas* de São Paulo; a *Espermocultura*; *Dosagem de Antitoxina in vitro*; a *Vacina anti-tífica*; *Cultura de Lepra*, com Maria Arantes; *Vírus da Paralisia infantil*, *Soro aglutinação da Febre Tifoide*; *Demonstração de cápsulas bacteriais*, com Lúcia de Q. Telles, e sobre o emprêgo do Liquoid na hemocultura, o qual veio melhorar bastante a técnica das hemoculturas, principalmente para os *Streptococcus*.

Nomeado professor catedrático de Microbiologia da Faculdade de Farmácia de S. Paulo, em 1932, compreendeu logo a necessidade da publicação de um tratado, onde os seus discípulos pudessem aprender as lições do mestre.

Em 1933 publica então a 1.<sup>a</sup> edição do Tratado de Bacteriologia, o qual já está na 4.<sup>a</sup> edição, bem melhorada e acompanhando o progresso científico.

Essa importante obra contém literatura estrangeira e a nacional não esquecida, facilitando assim aos estudiosos o seu conhecimento.

Há também uma parte que deve ser apreciada — a da história da microbiologia no Brasil, onde você salienta a ação de Lutz e da sua escola, no Instituto Bacteriológico de São Paulo, a qual foi a primeira criada no Brasil.

Em consequência dos dispositivos da Constituição de 1937, renuncia o elevado cargo do professor catedrático da Universidade, preferindo a diretoria do Instituto Adolfo Lutz, dando assim uma demonstração pública de sua dedicação a este Instituto.

Em outubro de 1922 foi nomeado diretor em comissão do Instituto Bacteriológico, sendo efetivado em março de 1923.

Bem precária era a situação do nosso Instituto, pois sem casa, material, biblioteca e pessoal, como bem dizia você em seu primeiro relatório, eramos somente dois para todos os trabalhos.

Dias depois da sua nomeação foi comissionado para ir aos Estados Unidos, a fim de estudar a organização dos Laboratórios estrangeiros, com o fim de vir organizar o Laboratório Central do Serviço Sanitário. Em trabalho apresentado ao Primeiro Congresso Brasileiro de Higiene, em 1923, achava o então diretor do Serviço Sanitário, que fazendo-se a reunião do Instituto Bacteriológico e do Laboratório de Análises, criando-se o Laboratório Central, "contribuir-se-ia deste modo para que fácil se tornasse entre nós a fundação de um grande centro médico sanitário".

Estagiou na Universidade de Harward, no Laboratório do Estado de Nova York, no Laboratório de Higiene de Washington, Universidade da Pensilvânia, Instituto Pasteur de Paris e Laboratórios da Alemanha.

Regressando em agosto de 1924, encontrou o ambiente modificado e não quiz você concordar com a reforma planejada pelo diretor do Serviço Sanitário, que o havia enviado ao estrangeiro,

na qual se fechava o Instituto Bacteriológico, transformando-o em um posto bacteriológico do Instituto Butantã.

Feita a reforma pelo decreto 3.876, de 1925, foi o Instituto Bacteriológico transformado em posto do Instituto Butantã e o Laboratório de Análises Químicas e Bromatológica do Estado anexado à Inspetoria do Policiamento da Alimentação Pública, mudando assim o diretor do Serviço Sanitário a orientação que havia planejado em 1923. Por esse decreto foi você adido à Diretoria Geral do Serviço Sanitário.

Nessa ocasião a biblioteca do Instituto Bacteriológico foi dispersada; o seu material precioso, coleções de peças anatômicas de doentes de febre amarela e de outras moléstias, estudadas por Lutz e seus discípulos, bem como a coleção de insetos que era ali guardada com carinho, foi perdida. E se o mesmo não aconteceu ao seu arquivo, foi porque você o guardou com carinho.

Não desanimamos e tínhamos a esperança que tal situação não poderia continuar, pois graves eram os prejuízos para a saúde pública com a desorganização dos seus serviços. Por isso, em 1928, quando então diretor do Serviço Sanitário Waldomiro de Oliveira, voltou o Instituto a funcionar no velho prédio ao lado do Hospital de Isolamento, aumentando-se o seu pessoal e suas instalações, dando-se material e fazendo voltar à sua preciosa biblioteca, a qual pudemos refazer reunindo os livros esparsos nos diversos Institutos que os haviam recebido.

Debaixo de sua orientação, com os conhecimentos que você adquiriu no estrangeiro e com novas técnicas, começamos a trabalhar e já nesse ano o número de exames ascendia a 40.000.

Já não satisfazia porém, o prédio, não só porque o seu pessoal fôra aumentado, como pelo estado precário em que se encontrava, tornando-se necessária a construção de um edifício, digno do progresso do Estado de São Paulo.

Em 1934 deu-se início à construção de um prédio, devido às suas insistentes reclamações, o qual não logrou ir adiante. Pouco depois de ter sido iniciada a sua construção foi ele demolido para dar lugar a um novo jardim.

As esperanças não se desfizeram e continuamos a trabalhar. Por indicação de Calazans, nomeou o Governo de então, uma comissão para estudar o plano de reorganização dos Laboratórios de Saúde Pública do Estado de São Paulo.

Essa comissão, de que você fez parte com Pascale e Rossetti, depois de estudar a organização dos Laboratórios, propôs a criação do Laboratório Central de Saúde Pública.

Essa ideia da reunião dos Laboratórios, já lembrada por Ficker, Borges Vieira, Calazans, Salles Gomes e outros, tornou-se realidade no governo do dr. Cardoso de Mello Neto, o qual autorizou a construção do edifício.

Estudou-se a planta e começou-se a construção, mas, nova tentativa para sua destruição foi feita quando o edifício se achava na fase de concreto armado. Quizeram paralizar sua construção, alegando a necessidade de alí passar uma avenida de acesso ao Hospital das Clínicas.

Assumindo a interventoria de São Paulo o Dr. Adhemar de Barros, não permitiu que se consumasse o fato, determinando ele que continuasse a construção do edifício fazendo melhoramentos, tornando assim um prédio digno de São Paulo.

A planta que havia sido idealizada com os seus companheiros, foi executada, acompanhando você com carinho, tôdas as fases da construção e da sua instalação, para que nada faltasse.

Em 27 de outubro de 1940, vimos a realização do ideal, com que tanto sonhávamos, a criação do Laboratório Central de Saúde Pública, em seu edifício magestoso e sua organização efetuada pelo decreto 11.522, o qual creou o Instituto "Adolfo Lutz", sendo interventor Adhemar de Barros, Secretário Mário Lins e Diretor do Departamento de Saúde, Humberto Pascale.

Foi dada a chefia a você e outro não poderia ser o escolhido, pois para ser chefe como diz Nicolle em suas lições dadas no Colégio de França, é preciso que uma só consideração deva intervir: o interêsse do estabelecimento. E este interêsse é inseparável daquele da ciência.

Em um instituto científico há um programa a ser executado e esse só pode ser realizado por um chefe escolhido entre os que trabalham no estabelecimento, pois torna-se necessário que conviva com o seu pessoal para que ele adquira as qualidades de chefe: ciência, administração e prestígio.

Não se trata de um cargo de confiança ou cuja experiência se adquire em pouco tempo, porque como bem salienta Nicolle: "nunca deverá ele se emiscuir públicamente nas lutas políticas e sociais".

Educado na escola de Lutz só os seus discípulos poderiam continuar a sua obra, transmitindo aos mais novos, o acervo científico que receberam de seus mestres.

A orientação seguida na escolha de seus diretores e a sua efetividade foram por certo o motivo de, durante 50 anos, apesar de passarem pelo Instituto diversos diretores, todos discípulos desta Casa, terem sempre mantido a mesma orientação científica e administrativa traçada pelos seus fundadores. Não descuidou o Instituto dos problemas referentes à saúde pública e estudos foram feitos sobre febre tifoide, meningite cérebro-espinhal, difteria, lepra, tuberculose, leishmaniose, febre amarela, tifo exantemático, coqueluche, sífilis, rinoscleroma, amebiose, disenteria, moléstia de Weil, brucelose e outras moléstias que foram estudadas pelos seus assistentes. Numerosos exames foram executados pelo pessoal dirigido por você, estando sempre atentos, trabalhando a qualquer hora do dia ou da noite para que pudesse ser feito com presteza o diagnóstico e consequentemente o tratamento dos doentes do Hospital de Isolamento e, de pronto, tomadas as medidas pelos diversos serviços do Departamento de Saúde.

Os sete números da nossa revista trazem 123 trabalhos sobre diferentes assuntos além das publicações feitas em outras revistas e apresentadas a congressos científicos.

Já falou o amigo impertinente, porém leal, companheiro de lutas, de convívio em dias alegres e tristes, mas sempre sonhando pelo mesmo ideal — o Laboratório Central de Saúde Pública, concretizado em grande parte por você no Instituto "Adolfo Lutz".

Quero aqui consignar os meus agradecimentos ao apoio que sempre me deu para que pudesse desempenhar as minhas funções de chefe da Subdivisão de Bromatologia e Química.

Não podia o chefe desta Subdivisão deixar de dizer hoje que aqui estamos reunidos para lhe prestar as nossas homenagens, o quanto essa Subdivisão lhe deve e se alguma coisa de bom foi feito, grande parte foi devido à sua ação, facilitando todos os meios para que nada faltasse àqueles que nos auxiliam.

Creado o Laboratório Central de Saúde Pública, o Instituto Adolfo Lutz, com a reunião do Instituto Bacteriológico e do Laboratório da Análises, recebeu deste o material e pessoal que formaram a Subdivisão de Bromatologia e Química.

Como dissemos em nosso relatório de 1940, esse material além de ser bem deficiente era na sua grande maioria antigo, velho e defeituoso, não permitindo que fossem iniciados os nossos trabalhos.

Devido à sua valiosa ação, rápida e pronta, autorizando o concerto do material aproveitável, a compra de aparelhos modernos, vidrarias, drogas e tudo que se tornava necessário, pudemos começar a fazer as análises prévias e fiscais.

Estudaram-se métodos mais rigorosos e de acôrdo com o progresso da ciência. O primeiro volume do livro de técnicas, contendo os exames físicos e químicos da Secção de Bromatologia já se acha em impressão e logo deverá ser distribuído, trabalho esse que devemos a você.

As nossas técnicas já vão sendo adotadas pelos Laboratórios Oficiais, sendo mesmo oficializada pelo Govêrno Federal a que se refere à dosagem de taninos em vinhos.

Temos colaborado na confecção de leis sôbre bebidas e gêneros alimentícios, tendo você presidido a Comissão que fez o regulamento, aprovado pelo decreto-lei 15.642 de 9/2/46.

Essa colaboração foi dada também pelos técnicos do Instituto, no que diz respeito à regulamentação dos artigos de cirurgia (algodão, gaze e catgut) e na parte referente a sôros.

Dentre o pessoal vindo do antigo laboratório contávamos com gente competente que queria trabalhar. Aumentou-se o quadro com novos químicos, biólogos e técnicos e dando todos os elementos de trabalho, coisa que você nunca regateou, começou-se a produzir, e o número de nossos exames e as publicações feitas atestam o que afirmamos.

Reorganizou você a nossa biblioteca, enriquecendo-a com revistas e livros especializados, pois sabia que sem esses elementos não poderíamos progredir.

A nossa revista e as reuniões científicas criadas e mantidas, graças à sua tenacidade, demonstram o interesse dos que trabalham nesta Casa, pela ciência. Não se pode compreender a ciência pura divorciada da prática, pois uma completa a outra.

É com prazer que podemos dizer que a Subdivisão de Bromatologia e Química, durante os sete anos de sua administração, publicou quasi uma centena de trabalhos. Cincoenta e dois publicados na nossa revista e trinta e quatro apresentados à Congressos Científicos.

Foram creados os Laboratórios Regionais, fazendo você tudo para que eles ficassem bem aparelhados. Estão funcionando os de Campinas, Ribeirão Preto e Santos, sendo que este em prédio próprio. Controem-se os edifícios de Guaratinguetá e Taubaté e assim vai se estendendo a ação do Instituto por todo o Estado.

Conseguiu você manter nesta Casa o mesmo ambiente de cordialidade e simplicidade de sempre e que é uma de suas tradições. Aquí trabalham médicos, farmaceuticos, químicos, engenheiros, veterinários, dentistas e diplomados pela Faculdade de Filosofia, pois na reforma que criou o Instituto trabalhou você para que fossem instituidas as carreiras de biologists, e químicos, sòmente exigindo-se o diploma de curso superior para os químicos e biologists e o de curso secundário, para a carreira de técnicos de laboratório.

O ambiente nesta Casa é o mesmo que o do Instituto Biológico que, como bem diz o Professor Rocha Lima: "consegue-se apagar bastante as diferenças de estima entre as atividades de pesquisa e o trabalho técnico da aplicação, assim como também entre os diplomas profissionais de diversas proveniências e várias faculdades, dos quais absolutamente não dependem a capacidade, a produtividade, a dedicação e o valor, enfim, do indivíduo como elemento de trabalho do Instituto".

Aquí também você fez uma escola, pois como diz ainda o ilustre mestre e prof. Rocha Lima: "no campo da ciência, fazer escola não é dar aulas ou ensinar técnica, mas sim transmitir aos mais novos, sobretudo pelo exemplo em longo convívio no trabalho, ao lado dos conhecimentos e da experiência, os princípios da ética, as exigências de rigor, a maneira de pensar, estudar, criticar, utilizar as fontes e de formular perguntas à natureza, planejando, de acôrdo com o material e as possibilidades de trabalho, as experiências e observações capazes de dar a estas perguntas uma resposta útil".

Continuou você nesta Casa a escola de Lutz ampliada por Ficker e Bayma em todos os ramos da Saúde Pública, pois defender a saúde do povo não é só combater epidemias e endemias, é também zelar pela fiscalização dos meios empregados em sua defêsa como as vacinas, os sôros, medicamentos e alimentos. Não é só necessário ensinarmos o nosso povo a saber se alimentar, é também importante zelar pela qualidade do alimento que é consumido. E este tem sido o lema desta Casa.

Não devemos nos limitar à repressão da fraude, mas também educar, pois as más condições sanitárias do alimento poderão produzir surtos epidêmicos. A criação da Secção de Controles Biológicos já vem demonstrando os seus resultados não só quanto ao controle de medicamentos, artigos cirúrgicos, como de alimentos e bebidas.

Quando foram feitas as primeiras publicações dos resultados dos exames de medicamentos foi feita uma campanha contra o Instituto. Exames de contra-prova foram então requeridos, mas todos eles foram favoráveis a nós como atestam as atas que figuram no nosso primeiro livro já encerrado, sendo este o melhor documento de como se trabalha nesta Casa e do seu rigor científico.

Os resultados já se vão fazendo sentir e os novos exames demonstram os resultados colhidos nas técnicas do preparo de catgut, sôros, vacinas, vitaminas e especialidades farmaceuticas.

Criticaram os nossos exames bacteriológicos de alimentos, porque demonstravam eles as más condições sanitárias em que eram preparados diversos produtos alimentícios. Não tardou, no entanto, que fossem eles confirmados pela inspecção de algumas fábricas, como havíamos sugerido, tendo-se verificado quão precárias eram as condições sanitárias da grande maioria das organizações, onde se fabricavam os alimentos.

Não tem faltado quem critique a organização do Instituto Adolfo Lutz, não havendo para isso no entanto fundamentos, quer de ordem administrativa, quer científica. Essa organização foi defendida por você em trabalho apresentado ao Congresso Brasileiro dos Problemas Médicos-Sociais de Após Guerra, realizado na Baía, em 1945, tendo sido aprovado e recomendado pelo mesmo Congresso a fim de ser adotado pelo Governo Federal.

E porque, em função de seu cargo de diretor, defendeu você o nome científico do Instituto de uma acusação pública, moveram-lhe campanha pessoal. Mas a justiça não tardou em demonstrar que quem estava com a razão era você e que outro não podia ser o seu procedimento como diretor, na defesa do precioso patrimônio científico desta Casa, cuja guarda lhe foi confiada. Devotou você ao engrandecimento e progresso do Instituto toda a sua fé e bem sei quanto isso custou de sacrifícios, fadigas, contrariedades e abnegação, mas quando o resultado é alcançado a satisfação íntima é a melhor e maior paga que se recebe do dever cumprido.

Diversas Comissões foram a você confiadas, cumprindo destacar a chefia dos serviços de Laboratórios de Saúde Pública e a diretoria do Departamento de Saúde do Estado.

Tem pois você o direito do descanso da burocracia administrativa que a lei lhe concede, porém bem moço ainda, esperamos que continue a trabalhar nesta Casa, presidindo as nossas reuniões e ajudando a enriquecer o seu patrimônio científico, agora sob a guarda de Luís de Salles Gomes, indicado naturalmente para a sua substituição e auxiliado por essa gente moça que aqui trabalha com amor e entusiasmo, seguindo o exemplo de seus antecessores que não esmorecem para não desmerecer da confiança do povo, cuja saúde tem por obrigação defender e para renome cada vez maior do Instituto "Adolfo Lutz".

#### DISCURSO DO DR. A. FRANCIA MARTINS

Dr. Carvalho Lima:

Trago-vos hoje aqui o abraço de amizade dessa pleiade de amigos e colaboradores, numa justa homenagem aos atributos especiais de vosso coração, e às qualidades intrínsecas de vosso espírito, temperado no caminho da honestidade e de probidade.

Todos nós somos submetidos à inexorabilidade das leis biológicas que regem os destinos da sociedade.

Estamos sentindo agora, mais de perto, as consequências dessas leis gerais, leis que nos fazem meditar sobre a própria evolução da Humanidade, e que trazem no seu conceito, o espírito de renovação e de aperfeiçoamento, tão necessários para aproximar o homem do papel ideal que lhe foi destinado no mundo.

O princípio filosófico de que os vivos são cada vez mais conduzidos pelos mortos, merece ponderado respeito de todos que prezam a universalidade dos direitos humanos e encaram sua própria vida, como um elo na cadeia interminável das conquistas da ciência, para o bem do futuro coletivo.

Não fosse o espírito predominantemente altruista do indivíduo a sua razão de ser no meio em que vive, jamais teríamos alcançado o conforto e o bem estar que hoje usufruimos, não para o enriquecimento material, mas para o conforto do próprio homem, no sentido tão bem exposto por Carrel.

Que é a vida mais do que a oscilação contínua entre a contemplação e a ação dos fenomenos naturais?

A responsabilidade do homem para com os seus semelhantes, foge à sua própria vontade para ser condição obrigatória, dever inalienável, parte integrante da moral e de sua constituição espiritual.

Cada um pode ter sua maneira particular de pensar e agir, mas acima da sua forma de apreender e de proceder, está o interesse social e coletivo, que sobrepõe-se a tudo e sobre tudo.

A sociedade moderna, as condições atuais da civilização, impõe a comunhão de ações para conduzir os povos a uma vida mais amena.

Assim nos ensina a trajetória seguida pelo homem na evolução da Humanidade.

Constituindo família, formando agrupamentos, criando sociedades, sentiu o homem, desde os primórdios de sua existência, a necessidade do trabalho coletivo, onde os pendores altruísticos devem se sobrepor, como condição precípua, aos sentimentos egoístas.

Presenciamos neste momento, a luta desses fatores egoístas, e o mundo se agita na eminência de nova convulsão, para a satisfação de interesses subalternos.

Esquece-se os deveres e as responsabilidades comesinhas com que se deve dirigir os destinos dos povos. Aqui, também, se deve respeitar o direito alheio, também se deve contribuir para a felicidade e o bem estar de todos, esquecendo-se que existem raças, mas, lembrando-se que os seus componentes se nivelam, como membros da mesma família universal.

São efemerias as atitudes individualistas, não deixam raizes, e a posteridade na sua historia pregressa, destaca-as, apontando-as como exemplos que contribuíram para o retrocesso de uma época.

A historia do homem é um resumo rápido da historia da própria Humanidade. As fases de sua vida, representam também as fases pelas quais passou a civilização, fetichista no começo, metafísica no meio e positiva na época moderna.

Sem o querer, ou melhor, sem o julgar, o homem moderno estuda os fenomenos e as leis que regem suas variações, num entrosamento necessário à consecução de um fim, sem a preocupação inútil do desvendamento da causa primeira.

No seu caminho, encontra escolhos, muitas vezes, não de pequena monta, mas vence-os, e quando não o consegue, relega para a posteridade esse arduo trabalho, que só o acumulo dos conhecimentos pode resolver.

Há-os também, que fraquejam a meio, jogando para o impossível e o sobrenatural, a sua própria falha de preparo.

Também aí a historia do homem explica a da Humanidade. Não temos ainda povos que tateiam no escuro, como nas eras primitivas? É para eles, como se o mundo tivesse nascido há pouco.

Eis o papel do homem no meio civilizado. Sua formação pura de intellecto, depende de sua constituição cerebral, dos exemplos que seguiu, das conquistas espirituais que pode aperfeiçoar, contribuindo dessa forma, para o cumprimento do mister que lhe foi destinado.

Foi dessa maneira que dirigistes vossa vida, meu caro amigo Carvalho Lima.

Permiti-me que assim vos trate, pois a singeleza da frase íntima, nada mais representa que a cristalização de profundo respeito.

Quizeram os fados, que eu tivesse a ventura de partilhar convosco no último decenio de vossas atividades públicas.

Lembro-me bem da primeira vez que nos encontrámos. O ambiente, era o vosso antigo laboratório à Rua do Arouche. Vinha eu da honesta Inspeção do Leite buscar luzes no vasto cabedal técnico que possuíeis.

Depois, ingressei para o tradicional Instituto Bacteriológico, cujo prédio velho inspirava respeito pelos trabalhos que ali se realizaram e pelos sábios que por ali passaram.

Tive a sensação da magnitude das responsabilidades que todos ali labutavam, sentiam para o cumprimento do seu dever. Era a tradição honesta e construtiva que influenciava as gerações novas, sem fugir ao determinismo das cousas.

Ereis vós, era um Luís de Salles Gomes, um Bruno Rangel Pestana, um Joaquim Pires Fleury, um João Montenegro, um Augusto Taunay e uma pleiade de auxiliares côncios de seu trabalho.

A disciplina era imposta de maneira singela, todos, dentro-dela, sentiam-se bem, pois de vossa pessoa vinha o exemplo, a emanar como um fluido tenue, o sentido correto do cumprimento do dever.

É bem verdade que o Instituto Bacteriológico possuía uma tradição. Seu prestígio científico, vinha de longa data, de Le Dantec, de Lutz e de tantos outros. Convosco, não houve solução de continuidade e o pesado encargo que recebestes, foi prolificamente engrandecido e tornado inestimável.

Quando da vossa viagem à America do Norte e à Europa, pudestes aprimorar o plano de organização do laboratório de saúde pública, observando lá o que de melhor se fazia, para adaptar às nossas condições de trabalho.

A viagem foi sobremaneira proveitosa e dela nasceu a célula, que logo se multiplicou, do vosso estupendo e didático compendio de Bacteriologia.

Mas, aguardava uma surpresa ao vosso retorno, surpresa decorrente dum vício de administração que jamais se conseguiu cicatrizar no Brasil — a discontinuidade dos programas administrativos.

Extinguira-se o Instituto Bacteriológico e seu acervo passou a integrar secções de outras repartições.

Imutável e coerente com o ponto de vista técnico, aguardastes no ostracismo o reconhecimento do erro, e pouco depois, novamente se reorganizava o Instituto que tantos serviços prestara à São Paulo.

As vicissitudes ainda mais aguçaram o vosso ideal, até que um dia ele veio a concretizar-se, sob a proteção do nome respeitável que encima o pórtico deste monumento — Adolfo Lutz.

A instalação do novo Instituto, foi um acontecimento na vida sanitária de São Paulo. Estavamos em plena primavera, nos campos verdejantes, umedecidos pelas chuvas esparsas, refloresciam as plantas e os arbustos, numa apoteose espontânea à obra que ressurgia como fruto sazonado da verdadeira concepção do dever.

Dissestes, então, ao falar na manhã ensolarada do dia 26 de outubro de 1940: “Assistis a uma inauguração, eu, à realização de um sonho. Sonho acalentado há anos, desde o meu ingresso no Instituto Bacteriológico de São Paulo, o tradicional estabelecimento científico organizado por Felix Le Dantec e onde Adolfo Lutz fundou a primeira Escola de Medicina Experimental do Brasil. Sonho que entre esperanças e desilusões, muito mais desilusões que esperanças, vejo finalmente realizado”.

Bastava essa frase para dizer da emoção que dominava vossa alma. Ela exprimia, não a vaidade de uma realização, mas o sentimento sincero daqueles que fazem da vida a razão de ser da prática do bem.

Nesse dia, nascera uma nova casa para o serviço de todos, mas aumentaram de forma exponencial, as vossas responsabilidades.

Pouco se vos importava que os momentos de repouso fossem substituídos por noites de vigília. "Sou caboclo", dizíeis vós, "e cabocio de Mocóca!"

O ideal que se contempla no horizonte do pensamento, tal qual o cimo de um monte dourado pela luz chamejante do sol que vai morrendo no crepúsculo luxuriante da tarde, não é fácil de se atingir. Alcançado o espigão, o caminhar por sobre as escarpadas, é árdua tarefa que só aos fortes é dado vencer. De cada lado, lá está o abismo a atrair sob as menores vacilações. Não faltam vozes a ecoar pelos reconvexos das serras, numa atração perene ao retrocesso e à queda.

Só atingem a méta, incolume, os espíritos privilegiados, como a lenda dos contos que na infância embalam nossos ouvidos.

E, chegastes, de cabeça erguida, mãos sangrantes, e corpo exausto, mas de consciência tranquila e coração transbordante de alegria.

Aí está a obra imortal da qual fostes o arquiteto incomparável. As linhas sóbrias do gotico clássico, enfeicham no seu bojo uma história de técnica e de dever.

Encimando o edifício soberbo, logo abaixo da bandeira que exprime as cores e os ideais supremos de nossa Pátria, há um lema simbólico, que lá escrevestes, que é a continuação da tradição desse Departamento de Saúde — honra, trabalho e sobretudo, honestidade.

Tive, meu caríssimo Carvalho Lima, a suprema ventura de vos acompanhar nas diferentes fases dessa construção. Senti de perto a pujança de vossos gestos e a sinceridade de vossas ações.

Também na Diretoria Geral do Departamento de Saúde, vosso espírito de administrador, pôde transparecer cristalino, na orientação que tomastes então. Incansável e persistente no vosso método de trabalho, jamais vi sobre vossa mesa pilhas de processos a aguardarem estudo. Dentro dum horário que seguíeis à risca, atendíeis a todos que a serviço buscavam vossa atenção.

Sob os esclarecimentos e os esforços de vossa gestão, empolgou-se o Governo com o plano de reorganização dos serviços de Tuberculose, e aí está a lei que servirá de base a uma ampla campanha sanitária, quer dentro do ponto de vista estático, criando leitos para albergar doentes, ou do ponto de vista dinâmico, no sentido moderno das organizações ambulatoriais.

Esse serviço levará consigo, indelével, gravado em letras de ouro, o nome de Carvalho Lima.

No II Congresso Brasileiro de Problemas Médico-Sociais de Após-Guerra, realizado em Salvador, divulgastes, com aprovação geral, o plano de estudos sobre laboratórios de saúde pública. Nele, estudastes desde as vantagens do órgão central até as suas ramificações regionais, não esquecendo de indicar a constituição dos quadros e sua estruturação técnica.

As sessões plenárias, sentiram de perto a disciplina imposta por vossas presidências, e obedecendo à vossa formação de espírito, impedistes sempre as transgressões regimentais.

As Jornadas Bromatológicas sentiram o protesto de vossa parte, quando pessoas menos avisadas, tentaram deturpar sua finalidade científica, para misturar comércio com saúde pública.

Pelo rápido retrospecto que acabo de fazer, depreende-se desde logo as teses que sempre defendestes nos domínios dos serviços públicos.

Possuidor de renome e prestígio inabalável, podíeis gosar desse privilégio para ampliar exclusivamente vossos interesses particulares. Mas, estes, sempre estiveram em segundo plano, graças à vossa formação moral e ao sentido elevado de concepção do dever público que possuíeis.

Tão longe foi essa concepção, que em defeza do patrimonio público, vos sentistes envolvido de maneira insidiosa. Longe estavam aqueles de imaginar o valor de um patrimonio adquirido a custa de trabalho honesto e reto.

E arrostastes com as consequências dessa atitude límpida, só, isolado, abandonado a si próprio, acusado de um crime que era, em última análise, a revolta em pról da honra e da defeza da moral pública.

Acompanhei de perto essa ação resultante do cumprimento do dever. Si trabalho provocou, teve o fim próprio dos julga-

mentos justos, e vosso espírito de integridade incontestado, mais ainda se purificou, firmando à luz meridiana, a retidão de conduta pela qual sempre pautastes vossa vida.

Não poderia um programa idealizado na mais pura concepção da técnica, deixar de sofrer investidas demolidoras. Mas, a luta, si constante, era compensadora e confortante, e aí estão hoje os benefícios a gritarem bem alto num alardeamento de resultados que só o tempo virá reconhecer.

É da luta que nasce o aperfeiçoamento. A vida rotineira, sem sacrifícios, que se locomove pachorrentamente, tal qual o ritmo cadenciado da música de Ravel, perde na obscuridade o seu estímulo de conquistas e reivindicações.

Agora, recebeis o repouso merecido. Vossa saúde, embora forte, foi abalada várias vezes, por infecções adquiridas em serviço. É o sacrifício próprio das profissões altruístas e que tem roubado aos vivos, personalidades que se imolaram na luta pelo desvendamento dos segredos da natureza.

Há muito vinheis proclamando o desejo desse repouso, mas o dever vos impedia de dispor de vossa própria vontade.

Os carinhos da família, o desvelo de uma esposa exemplar que vos acompanhou nos momentos de ventura e sofreu convosco as horas de amargura, solicitavam, como de justiça, a posse integral do seu chefe.

Ei-lo aí, minha senhora, todo devotado aos seus afazeres domésticos, mas, agora, de coração enternecido e satisfeito, por ter realizado uma obra imorredoura, que por si só concretiza a realização de um ideal.

Nós, amigos, relutamos egoisticamente por esse gesto. Hoje, o fato está consumado, inapelavelmente decidido, decretado e muito bem cimentado, e ainda mais, calcado num direito constitucional que vos assiste, como que querendo responder com isso aos companheiros de labuta: "é tarde, senhores, já entrei para a galeria dos retratos da sala da Diretoria, resta-me apenas desejar-vos boa sorte!"

Mas, não vos despedis desta casa, aqui sempre encontrareis o vosso canto e todos precisam de vossas luzes para elevar bem alto, e cada vez mais, o arcabouço que erigistes.

Aquela manhã ensolarada, jamais terá uma tarde, ela se perpetuará solenemente nas atividades crescentes dos serviços, ela fará, também, vibrar em cada pessoa as cordas sensíveis do espírito, e a vibração ressoará como uma chamada constante ao dever.

A austeridade de vosso semblante permanecerá inesquecível em nossas retinas e esta sala, que tanta ciência ouviu, guardará o lirismo desta homenagem como guardou o entusiasmo daquela manhã.

E esse abraço amigo, singelo e comovente, é o simbolo da amizade com a qual revestireis vosso coração, já tão engalanado das glórias que a vida vos conferiu.

\* \* \*

Usou a seguir da palavra, em nome do Departamento de Saúde do Estado, o Dr. Maragliano Jr. que, em vibrante improviso, recordou a ação do homenageado à frente do Departamento durante quasi dois anos.

#### DISCURSO DE AGRADECIMENTO DO PROF. DR. J. P. DE CARVALHO LIMA

Quizestes, meus amigos, homenagear o diretor aposentado, aqui estou, profundamente sensibilizado e sem saber como agradecer. Ouvistes, entretanto, as palavras de Luís de Salles Gomes, Bruno Rangel Pestana, Frância Martins e Maragliano Jr. Diante dessas palavras, de excepcional bondade, fruto, não há dúvida, da nossa longa amizade, terei que volver a trinta anos atrás e recordar fatos, alguns apenas, da minha vida no Instituto e daí aquilatar o motivo desta manifestação de apreço e as razões de tão grande e carinhosa homenagem.

Defendi, em fins de 1917, minha tese de doutoramento, elaborada sob a orientação segura e amiga de Teodoro Bayma, diretor do antigo Instituto Bacteriológico de São Paulo, tradicional estabelecimento fundado por Felix Le Dantec e engrandecido pelo inconfundível saber de Adolfo Lutz. Nada mais razoável que eu desejasse e viesse a fazer parte do corpo de assistentes do Instituto. Infelizmente, quando isso aconteceu, quando essa imensa ventura

me foi concedida, Bayma já não vivia, tombado honrosamente no cumprimento do dever, dirigindo um Hospital na epidemia de gripe de 1918.

Eramos poucos, no Instituto, por esse tempo — o diretor Antonio de Ulhôa Cintra, Bruno Rangel Pestana, Calazans e eu. Um escriturário, Saverio o zelador, que vinha do tempo de Lutz, dois auxiliares de Laboratório, um preparador e dois serventes. Duas prateleiras formavam o que se chama almoxarifado. Oito cortos apenas, para gastar! Para aquela pequena família chegava. Trabalhava-se muito. Publicava-se. Zelava-se pelo prestígio da casa. A hora do café era aguardada com ansiedade. Aquela salinha, de poucos metros quadrados, engrandecia-se numa agremiação científica — Adolfo Lindenberg e Alexandrino Pedroso eram companheiros de todos os dias. José Augusto Arantes e José de Toledo Piza vinham sempre. Apareciam colegas do Butantan, e, não raro, os de Manguinhos. Engenheiros, professores da Faculdade de Medicina, sanitaristas e muitos outros. De quando em vez, honrava-nos a presença do grande Emílio Ribas, então preocupado com os mínimos problemas dos leprosos. Lembro-me como si fosse hoje, quando aludiu ao efeito dos vermífugos sobre os hansenianos e me pediu para arranjar óleo de semente de abóbora, de ação mais branda. Ali se conversava. Discutia-se. Ria-se muito, e, nós os moços, aprendíamos a ética rígida dos verdadeiros cientistas. Tezourava-se também, e porque não? Que bom tempo!

Mas Ulhôa Cintra foi para o Bacteriológico do Rio. Alexandrino Pedroso, antigo assistente, contraiu meningite cérebro-espinhal e faleceu. Após algumas experiências com gente de fora, um do Instituto deveria passar a Diretor.

Si tudo fiz para chegar a assistente muito mais fiz para não ser o diretor. Até à minha casa, onde solicitou a intervenção de minha jovem e querida esposa, foi o diretor do então Serviço Sanitário. E em Outubro de 1922, assumi o cargo em que permaneceria mais de 25 anos. Claro que não podia inspirar confiança a todos. Um menino! Sim, menino, mas a responsabilidade estava em minhas mãos. Tinha que encará-la, e nessa tarefa empreguei tôda a minha mocidade, o meu maior entusiasmo, trabalhando, estudando, sonhando com dias melhores para o Instituto.

Uma viagem aos Estados Unidos e Europa, foi para mim viagem de estudos e de sacrifícios, pois além de enfrentar inúmeras dificuldades tinha, muitas vezes, que deixar os livros para conter

as lágrimas que minha esposa derramava pelos dois pirralhos que haviam ficado. Voltei estufado de entusiasmo. Estudara na Harvard, trabalhara em Albany, no Laboratório Higiênico de Washington, frequentara o Instituto Pasteur de Paris e o Roberto Koch em Berlim. Conhecera cientistas da envergadura de Besredka, Sabouraud, Wassermann, Zinsser, Park, Ana Williams, Alice Evans. A minha cabeça era um movimentado Laboratório de Saúde Pública! Mas, ao invés de pô-lo em prática, o que vi? foi a extinção em 1925, do antigo Bacteriológico, do Instituto que eu dirigia. Foi nessa ocasião que os acontecimentos me conduziram a prestar imenso serviço ao Instituto e a Saúde Pública de São Paulo. Escutai bem essa história. Compellido a escolher entre outro cargo, de vencimentos tentadores, mas de classificação inferior, ou permanecer Diretor, mas adido, espezinhado e ridiculamente pago, preferi esta situação. Foi talvez o dia mais amargo de minha vida profissional. Na minha modesta residência, a esposa que participara com afeto, do meu entusiasmo, recebeu das mãos de um servente do Instituto, um caixote contendo as minhas cousas — umas lâminas, alguns cadernos de notas, tubos com cultura, miudezas e um mundo de desilusões. Depois chegou a cesta de flores (ainda me lembro que eram roxas), enviadas pelos amigos que ficaram e iriam para outro Instituto. Mais tarde, ao anoitecer, cabeça baixa, ferido a fundo, entrou o Diretor destituído, o Diretor sem diretoria, sem o seu Instituto! Não poderíeis jamais avaliar o que foi essa humilhação! Por outro lado, assim quizeram os bons fados, ninguém, nem mesmo eu, havia de supor o quanto significava para a causa do Instituto essa minha decisão. Sim, porque aquele diretor permaneceu a célula viva, a semente que esquecida germinaria. E em torno daquele diretor e do laboratório que continuou a funcionar sob o nome de Posto, cresceram a vontade e a necessidade de se restabelecer o Instituto. Muitos trabalharam para isso, pois defensores e amigos nunca faltaram ao Instituto. E conseguimos, officiosamente, primeiro, e em caráter definitivo em 1931.

Por esse tempo, três vezes minha vida havia corrido perigo em consequência de graves infecções contraídas no serviço. Como não morri, lutei com maior ardor. Primeiro foi a caça aos nossos livros e revistas, distribuídos pelos outros Institutos e Bibliotecas. Até nos chamados sebos fui encontrar e comprar volumes que nos pertenciam e desfalcavam nossas coleções. Depois, a escolha de elementos competentes e honestos para enriquecerem nosso corpo técnico.

Consegui, então, um pessoal maior, mais assistentes e até, que escandaloso! dez técnicas de laboratório a 700 cruzeiros por mês e um bibliotecário. Chegaram a me perguntar onde iria caber toda aquela gente. Veio, então, a ginástica do espaço. Puchados na frente do prédio velho, aumentos para traz, avanço nas dependências do Hospital de Isolamento, aproveitamento do porão. E quem não se lembra da sala do diretor, encravada lá em baixo, atrás do almoxarifado que nascia? Redigi, ouvindo sempre e em tudo os companheiros, as técnicas de laboratório de cada secção, aproveitando muita coisa que vinha dos tempos de Lutz e de Bayma, modernizando outras, introduzindo novos meios de cultura, novos métodos e sonhando sempre com o futuro Laboratório Central de Saúde Pública. Por causa desse sonho, quando tive de optar, em 1937, entre uma cátedra de Microbiologia na Universidade de São Paulo, e o cargo de Diretor do Instituto, mais uma vez este foi preferido, porque ao lado da responsabilidade contraída em 1922, e fortificada em 1931, eu tinha um dever a cumprir, um programa a realizar. Já antevia, então, essa glória imensa, a minha glória, a nossa grande glória, edificar este majestoso Instituto, batizá-lo com o nome inesquecível de Adolfo Lutz, enchê-lo de cientistas de renome, de técnicos dedicados e competentes, de equipá-lo com material abundante e confortável, dotá-lo dessa preciosa biblioteca, da Revista, de grande projecção e de difundir por todo o Estado os seus benefícios e ensinamentos, criando a rede dos Laboratórios Regionais. Tudo isso aí está e ninguém poderá tirar sem cometer o crime de intencional destruição.

Ainda por amor a esta casa, aceitei, em 1944, a Diretoria do Departamento de Saúde. Sem descurar dos outros Serviços, remodelando mesmo alguns, como o da Tuberculose, para o qual obtive a decantada verba de 35 milhões de cruzeiros, empenhei os meus melhores esforços no aparelhamento do Instituto, principalmente do biotério e na ampliação do quadro de funcionários.

Nada eu faria, entretanto, sem o apoio dos governos. E ainda mais, que faria eu ou outro diretor, sem a vossa ajuda, a vossa preciosa ajuda? Todos estiveram a postos. Nunca faltastes. Trabalhastes sempre, primorosamente.

E assim, a homenagem de hoje, não é mais do que a sublimação na pessoa de um diretor que sai, como já o fizemos na de Adolfo Lutz, Bayma e outros, das honras duma batalha vencida pelo esforço conjugado duma coletividade trabalhadora e unida, competente e disciplinada, maravilhosamente honesta.

Aos meus agradecimentos profundos e cordiais, juntarei um fervoroso apelo. Continuai assim. Sabeis que aqui desfrutei dias de alegria imensa, que sofri também, defendendo o prestígio do Instituto, de tudo saindo, porém, de cabeça erguida e com a serenidade do dever bem cumprido. Prometei que mesmo nos momentos de angústia estareis unidos, alertas na diretriz de correção que juntos traçámos. Prometei prestigiar o vosso novo diretor. Trabalhai com dedicação sem limites. Assim sereis, pelo devotamento, saber e experiência, os continuadores do espírito e das obras dos grandes sábios que lançaram as bases da biologia experimental no Brasil.

E eu, até o fim da minha vida, contemplando a projeção científica do Instituto, ainda repetirei, orgulhoso e confortado — Cumpriram a promessa. Deus seja louvado!